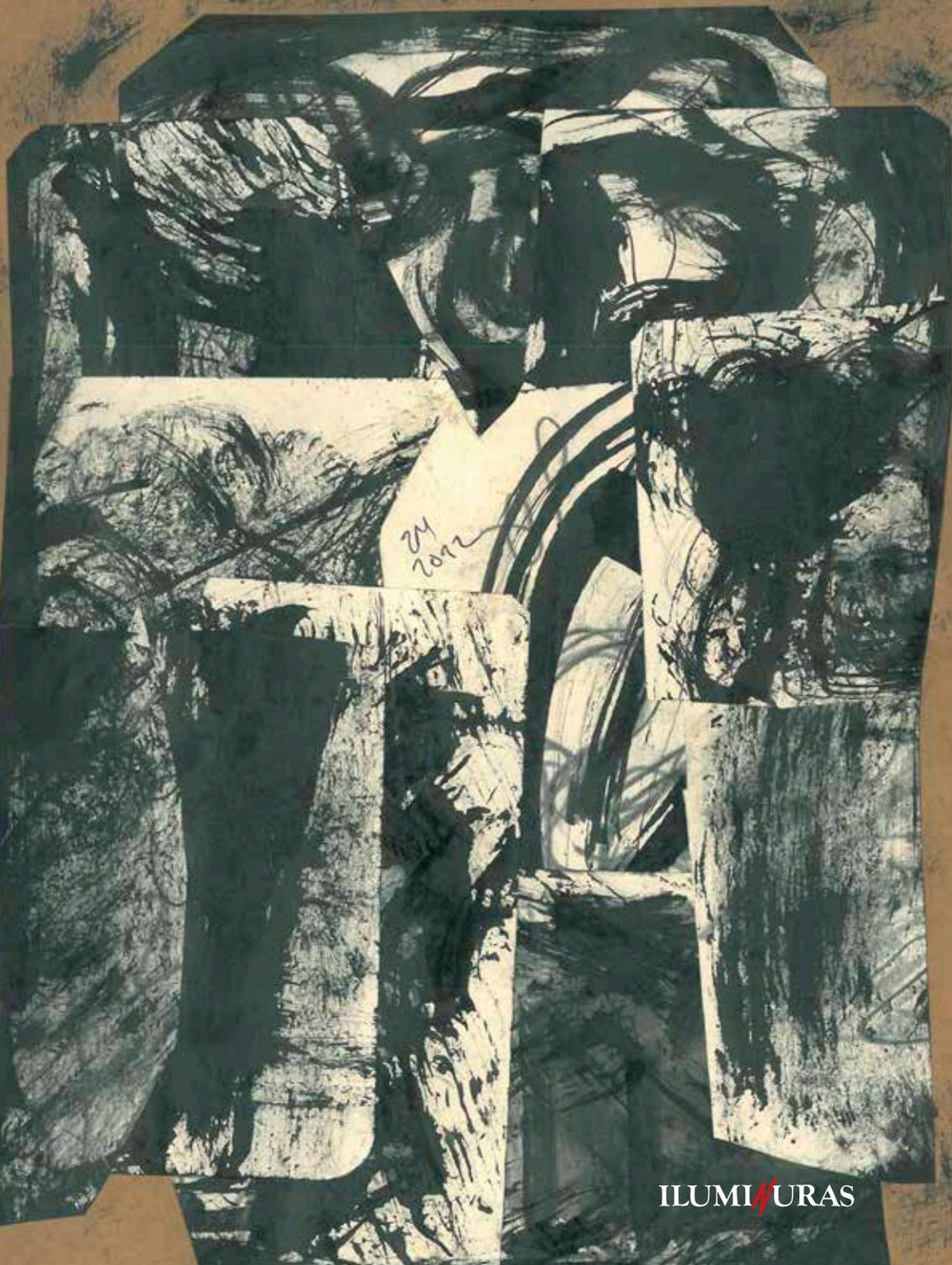


Sérgio Medeiros

# o que aparece e o que não aparece



ILUMIURAS



**o que aparece e  
o que não aparece**



Sérgio Medeiros

**o que aparece e  
o que não aparece**

ILUMI~~U~~RAS

Copyright © 2023

*Sérgio Medeiros*

Copyright © desta edição

*Editora Iluminuras Ltda.*

Projeto gráfico, capa e editoração

*Paulo Roberto da Silva*

Ilustrações de capa e desenhos

*Sérgio Medeiros*

Revisão

*Sérgio Medeiros*

### Ficha catalográfica

---

M488o Medeiros, Sérgio, 1959-

O que aparece e o que não aparece [Recurso eletrônico on-line] / Sérgio Medeiros. 1. ed. - São Paulo : Iluminuras, 2023.

72 p. : il. 16 x 23 cm

ISBN 978-65-5519-192-2 (e-book)

1. Poesia visual brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

---

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

2023

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Salvador Corrêa, 119, Aclimação – 04109-070 – São Paulo-SP – Brasil

Tel./Fax/WhatsApp: 55 11 3031-6161

[iluminuras@iluminuras.com.br](mailto:iluminuras@iluminuras.com.br)

[www.iluminuras.com.br](http://www.iluminuras.com.br)

Petróglifos à beira de águas futuras e  
descritos frequentados por urubus compõem  
as metades desta *massa nebulosa*  
(quase) inumana.



# sumário

as palmas de um outro primata

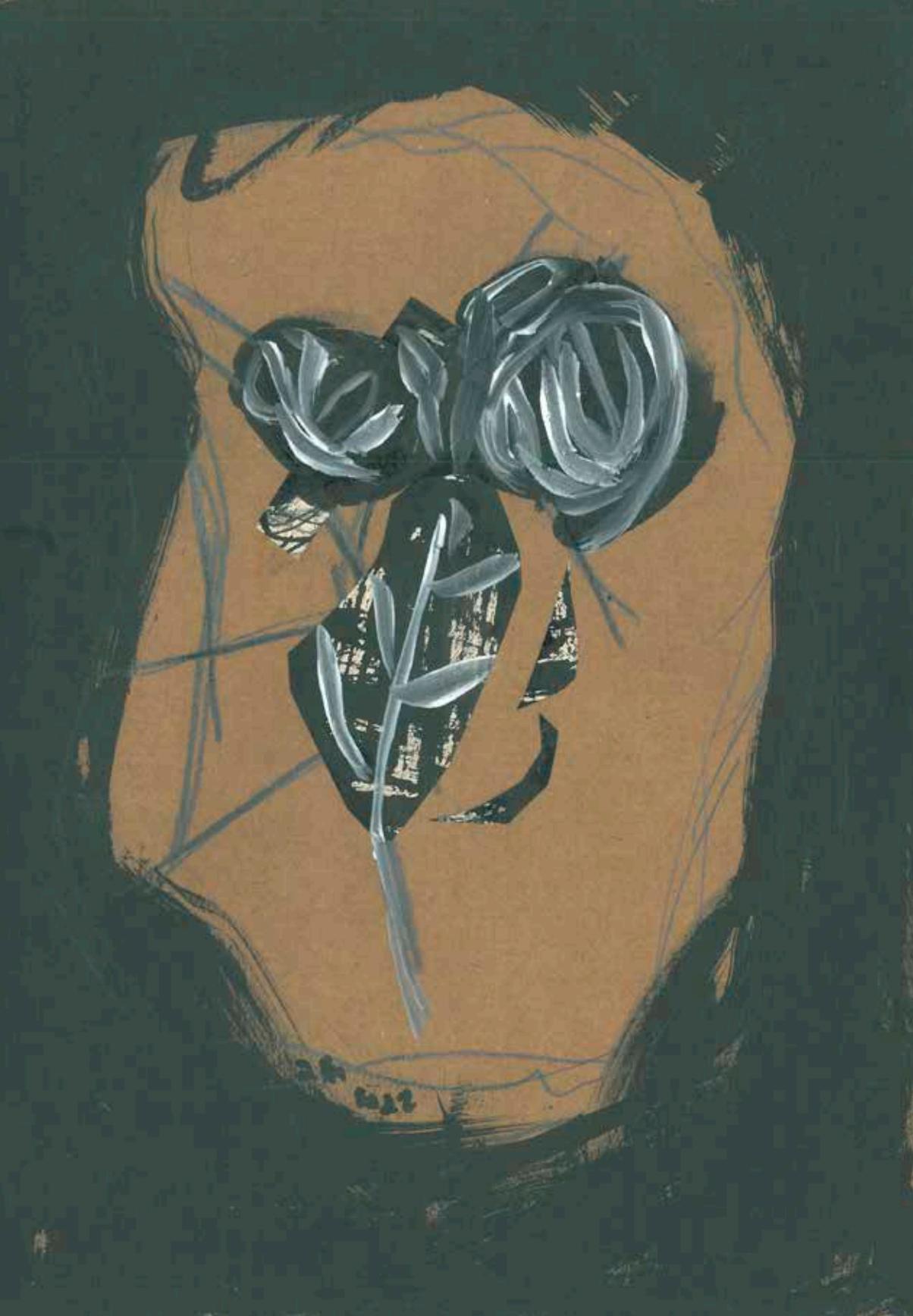
..9..

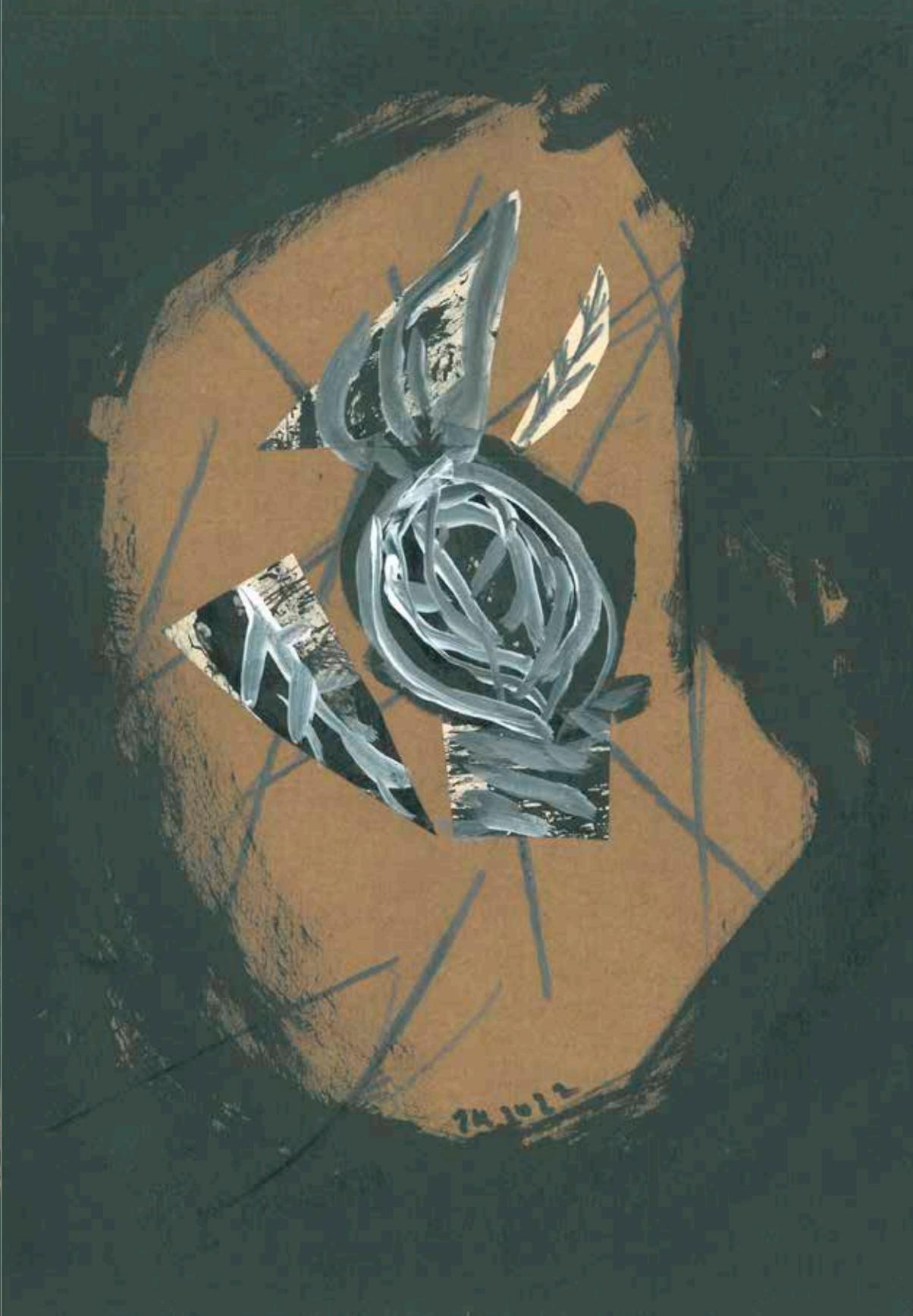
(o humano e) o inumano

..13..



**as palmas de  
um outro primata**





741022



**(o humano e)  
o inumano**



Perse

20th  
2022

— feito um bumerangue que perseguisse pássaros pequenos o urubu baixo e duro cruza os troncos das palmeiras e volta em meio a um alvoroço de asinhas que fogem como podem

— com cabos de alumínio sob os braços o jardineiro zanza pelo jardim como um inseto de asas longas que caminhasse desnortado

— quando a menina se debruça na janela do táxi a sua echarpe lilás se arrasta no asfalto como se pescasse algo no rio de veículos imóveis



— o sol adentra o único arvoredo da  
plantação como se compusesse com  
dedos ágeis uma cabeleira

— um vasto megafone de fumaça que  
se ergue no campo é pisado pelo vento  
truculento e fica amassado

— uma sombra repentina percorre  
como uma aranha saltitante as pa-  
redes brancas de duas torres ao sol

bichro



21  
20  
22

— asas moles salpicadas de preto  
vão e vêm atrás do muro de pedra  
como se voos baixos apenas fossem  
permitidos

— na calçada desolada o fio entre  
duas luminárias vibra longamente

— o urubu chacoalha os pés chatos  
antes de se empoleirar na luminária  
prateada



2h 70 22

— a lua desce de costas como se  
deslizasse lentamente num tobogã

— pedaços brancos de guardanapo  
descem juntos da mesa e pousam  
abertos na soleira da porta do  
restaurante sem ninguém

— de manhã a lua semelha a ca-  
rapaça de uma tartaruga albina que  
descansasse no topo de um edifício  
escuro



2207  
N2

— quando a névoa se dilui os urubus surgem bem abertos como se não necessitassem bater as asas negras desbotadas

— no banheiro da universidade as asas dos insetos se acumulam escuras sob o mictório que parece meia casca de um ovo enorme

— a névoa cheia de pontas se assenta como uma coroa no topo do morro azul mais distante



24  
2022

— as raízes longas das nuvens se arrastam na murraria encobrimdo-a parcialmente mas logo seguem adiante em busca de um solo mais propício

— o sujo prato de isopor virado na calçada semelha um disco voador acidentado e o saco azul preso nele que se abre às vezes é tal qual um paraquedas

— no fundo da campina com prédios esparsos a nuvem escura vai passando como um cavalo que andasse para trás sem levantar a cabeça do pasto



dini

sede

JM  
2022

— como espessa fumaça brotando do  
asfalto uma velha caixa de papelão  
rasgada se ergue de repente mas cai  
pesada quando passa ao seu lado  
uma sombra longa

— os balões da última festa à beira-  
mar vão estourando sozinhos como  
remos batendo na água calma da baía

— ao saltar do poste o urubu se afoba  
no ar mas logo desliza fácil sobre a  
praia sem mover as asas



20 2022

— num buraco do asfalto o galho nu se agita feito uma cobra esbranquiçada que desejosa de sol alçasse cada vez mais a cabecinha fina

— ao emergir inesperadamente do mato a antiga chaminé parece um atarracado totem de tijolos à vista sem a cabeleira branca outrora esvoaçante

— sob o sol ardido as araucárias espaçadas espicham muito um ou outro galho como se depois da sesta se espreguiçassem

ILHA

TOUR

24  
70  
22

— o súbito pedaço de névoa sobre o jardim se vai como um urubu albino desequilibrado

— cipós de plástico querem cruzar a rodovia sem veículos mas o vento os devolve para as margens com violência

— da mala rosa soterrada no mato emerge um urso de macacão laranja de presidiário



ZM  
2082

— o monte de folhas que surge na avenida como um bicho exausto foge aos pulos à primeira rajada

— a moça de biquíni no *outdoor* amanhece sem a pele da barriga a qual pende enrolada sobre a tanga

— quando todos os galhos da praia se viram para o mesmo lado a gaiivota que flutuava nas ondas voa resoluta para o lado oposto



201  
70  
27

— a escuna encalhada semelha uma ave pré-histórica com a sua orgulhosa crista negra e dois ossos pontiagudos fazendo as vezes de asas

— a haste nua pegajosa que se lança sobre outra cheia de folhas não desgruda mais como um jóquei em ótima montaria

— pousado impávido na praia o urubu semelha uma ânfora que as rajadas não arrematam num leilão que ainda não ouviu o maior lance



24  
2022

— quando vira-latas negros cruzam  
trotando o campo ao amanhecer  
pontas brancas de asas se agitam  
imaculadas numa vala de lama

— o brilho se contorce e se dispersa  
na baía cuja água opaca decerto an-  
seia pelos próximos contatos

— o rabo negro do pássaro na ventania  
é duro como madeira e as asas tam-  
bém negras parecem labaredas insu-  
fladas

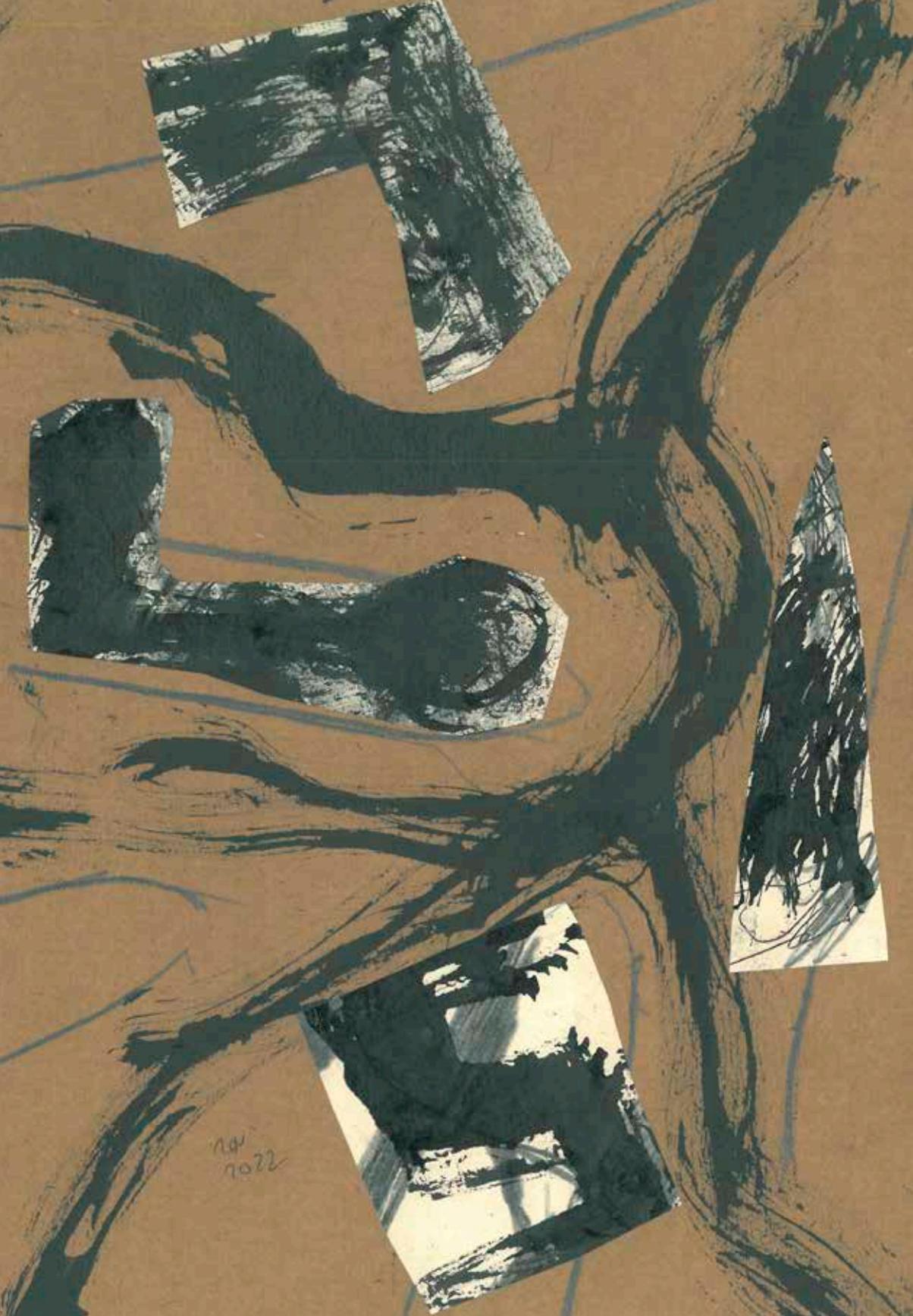


21  
2020

— o urubu surge do nada e bate as asas um par de vezes sobre o bambuzal como que para despertá-lo

— deitado na estrada à sombra de uma trouxa surrada o gato malhado é um inveterado viajante

— entre sementes redondas espalhadas nas lajotas empoeiradas passam duas formigas ociosas que se detêm aqui e ali mas nada levam para o formigueiro



2022  
10/1

— o sol escala o tronco cinza enrugado  
e o deixa em carne viva como se  
acabasse de arrancar drasticamente  
a sua casca

— os galhos flexíveis se separam e  
tateiam pontos diferentes do chão  
aparentemente à procura de algo que  
a última lufada deixou

— um bando de pássaros enxutos se  
aproxima do matagal molhado como  
uma mão esquelética que agilmente  
esticasse os dedos cada vez maiores  
sobre os ramos



EM  
2022

— no cartaz de um velho musical  
formigas ruivas insaciáveis se reúnem  
como pelos no rosto do jovem astro  
sorridente

— sob as trovoadas se agita forte-  
mente o fio atado frouxamente ao  
poleiro vazio das gaivotas

— o urubu que ficou para trás é  
finalmente dominado pelo vento e  
levado aberto para perto dos seus



— grandes sacos de lixo verdes se enfileiram desventrados na calçada do museu histórico fechado para visitaçãõ

— antes da chuva do entardecer a mariposa afobada se aproxima da casa velha e bate sonoramente numa calha e depois volta para o matagal e desaparece entre galhos que começam a pingar ruidosamente

— rodeiam o tronco do coqueiro mais elevado do matagal meia dúzia de caçambas de cores variadas cheias aparentemente apenas de maracujás espontâneos



24 20 22

— depois de girar a esmo sobre o matagal cheiroso o urubu bate bruscamente as asas preguiçosas a fim de tomar uma atitude

— a mosca que pousa com asas invisíveis no selim negro da bicicleta parece um menino de calção que quisesse pedalar no meio-dia escaldante

— de asas fechadas um pássaro veloz sobrevoa ondulando como um peixe as palmeiras levemente agitadas no matagal



dia

2002

— uma folha corre arranhando o  
piso feito uma sola encolhida diante  
de um par de chinelos negros que  
se deformam sob a espreguiçadeira  
branca

— qual um aparador de grama a  
nuvenzinha passa veloz ao sopé de  
grandes nuvens paradas

— o tênis branco sem par se expõe  
sob a única réstia de sol no mato  
sombrio e luxuriante qual estivesse  
numa vitrine



2022

— diante da névoa que se ergue como  
uma parede clara sem grafites nem  
rachaduras as palmeiras esbeltas  
trocam sinais discretos

— atrás do mato molhado a atrevida  
nuvenzinha laranja vai tocando com  
o dedo indicador as nuvens escuras  
paradas

— o urubu começa o seu voo matinal  
oscilando enorme entre as antigas  
palmeiras que parecem se afastar no  
campo para lhe dar passagem



24  
20  
22

— crescem no topo da torre do castelinho das crianças árvores que lançam no ar as suas raízes longas como uma franja vicejante sobre muros desabados

— do cacho da palmeira cai um polvo amarelo que se prende numa teia de aranha e gira no ar de cabeça para baixo vendo os companheiros secarem na borda de uma piscina imunda

— num extremo do muro de pedra ondeia uma bandeira descolorida de pedra mas no outro extremo uma bananeira exausta se apoia verde ainda



24  
2022

— ao sobrevoar o terraço alagado o urubu expõe numa das asas curvas a sua grande mancha branca feito uma nuvenzinha presa nas penas negras

— deixado aberto no chão o guarda-chuva alaranjado se entorta como meia casca de tangerina que murchasse sem perder a cor

— dando saltos em círculos cada vez mais altos a borboleta ultrapassa finalmente as palmeiras e se liberta qual uma irrequieta mola distendida



2022

— em volta do arbusto da praia insetos se agitam em curvas vertiginosas como se tecessem uma capa para protegê-lo dos raios e das águas

— garrafas verdes cintilam discretamente entre grandes pedras limosas que formaram um só ouriço-do-mar ao sol

— depois de girar na luminosa areia da praia como se abrisse espaço o cachorro macilento finalmente se deita e mira o mar

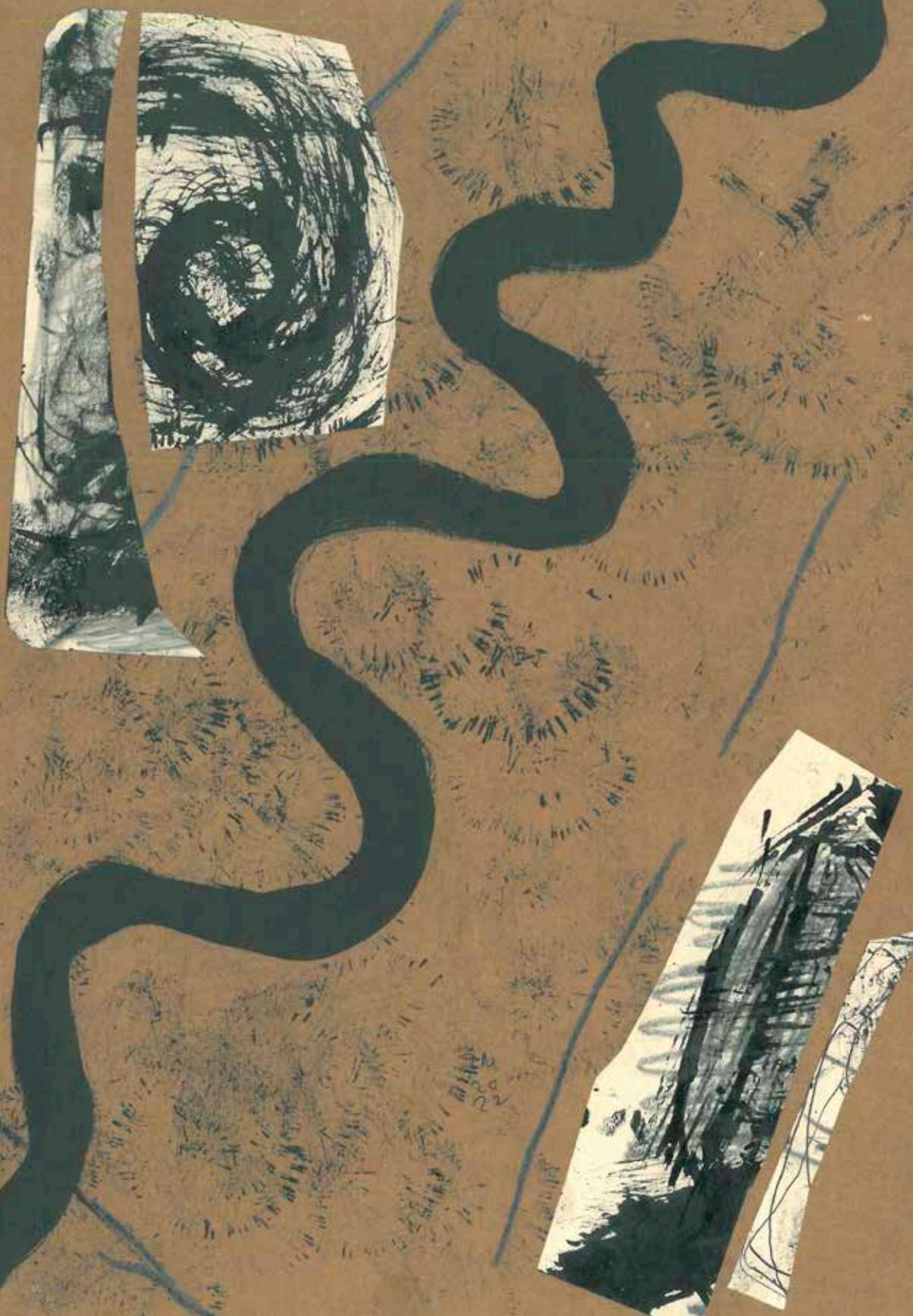


SPZ

— a chuva súbita surge sentada no telhado como num balanço e pousa os pés no chão

— a folha onde larvas se ajeitam como podem é uma jangada em águas revoltas

— urubus cruzam troncos enevoados depois do temporal como se a redoma de vapor inibisse voos mais altos



— grandes pedras acampam ao sopé do monte e chegam até a subir nele porém nenhuma alcança o topo

— o ciclone espalha pelo terraço pedrinhas falsas bem leves

— pintado numa parede do *resort* considerado outrora o melhor do país o dragão de finas pernas de pau e grandes olhos opacos anuncia ondulante o ano-novo

Handwritten text on a torn piece of paper, possibly a name or signature.

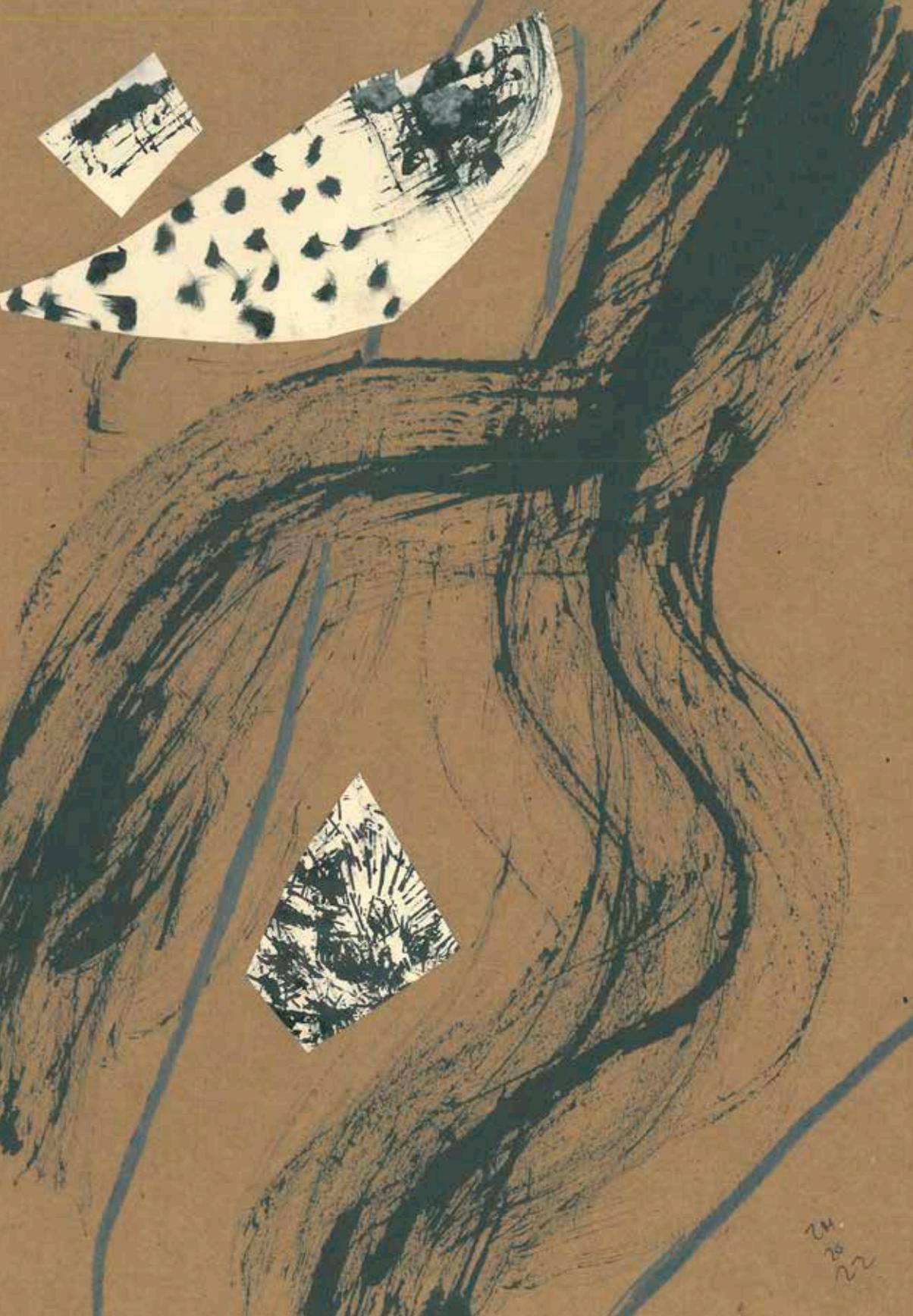


20  
80  
22

— o urubu corcunda se arrepia no poste alto enquanto um passarinho no fio olha a paisagem sem mover uma pena

— o ciclone chacoalha a paisagem como uma toalha e espalha folhas e aves como migalhas de um banquete

— as sementes são lançadas como um vômito nas lajotas do jardim perante uma lesma albina imóvel feito estátua



— grandes espelhos largados pelo ambulante no parque refletem agora um cavalo de corpo inteiro pastando no capinzal

— o saco de papel resistente que algum bicho rasgou lança no meio da rua uma fumaça fina a cada lufada

— o barro já vela os espelhos deixados à venda em pé na beira da estrada



24  
70  
22

— a placa de identificação que a cabra albina traz na orelha é verde como o capim que ela mastiga numa esquina do centro

— o asfalto queima e a fumaça se espalha rasteira na estrada atraindo um filhote de cachorro que começa a trotar calmo na direção do calor

— no alto do seu posto de observação o urubu olha para o próprio umbigo e se põe a coçar a barriga com o bico frenético



Sen

dente



24  
2022

— num canto ensolarado da vitrine  
uns velhos braços de manequim  
afastam de si o entulho

— uma pomba percorre a pé a praia  
sem fim martelando a cabeça no odor  
forte

— as palmeiras que se mexem  
abruptas quando faz sombra só tre-  
mulam de leve quando faz sol

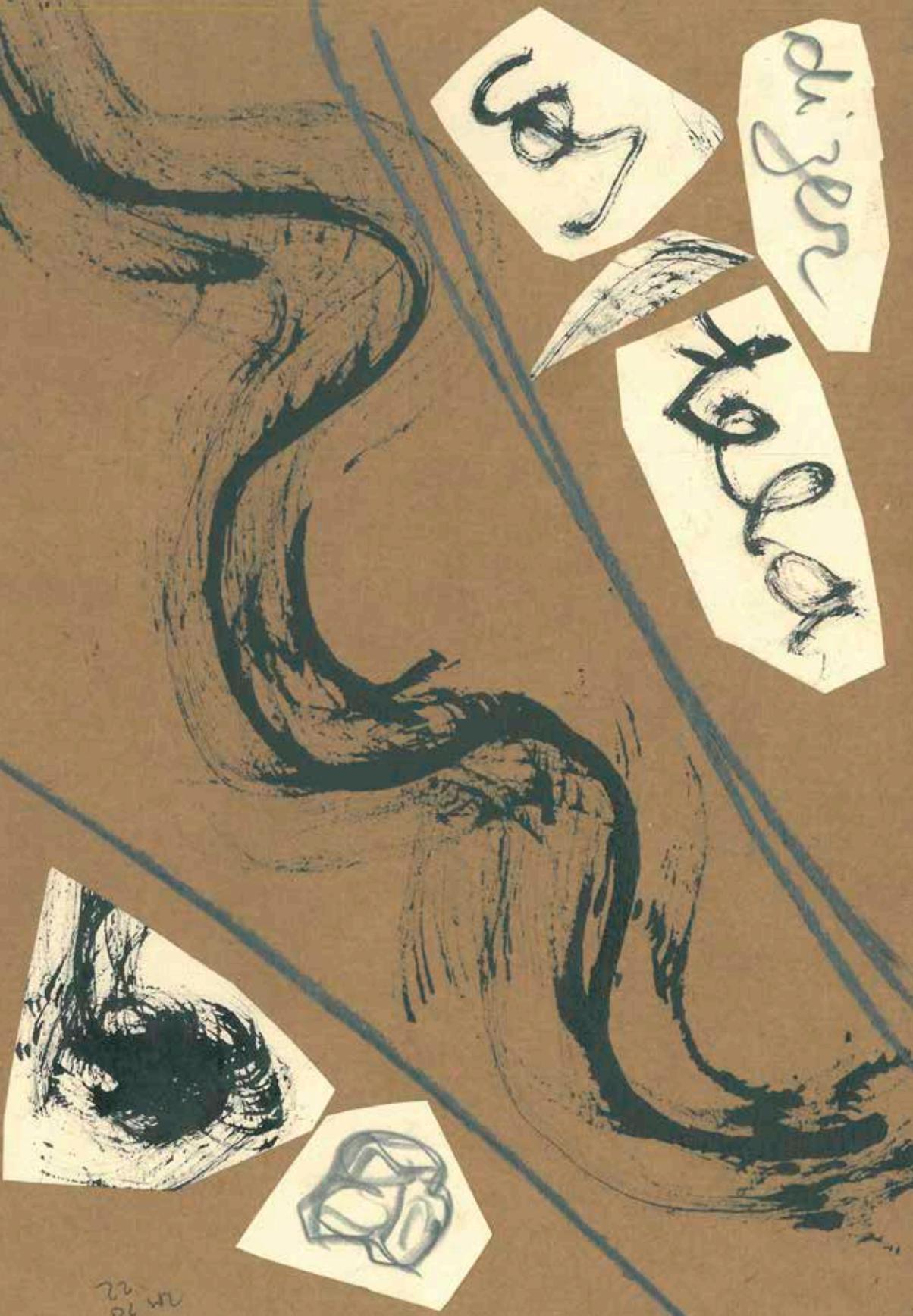


20  
2022

— no poleiro à beira-mar o urubu abre  
as asas quais dois remos pousados  
num barco negro

— ao emergir da lama ao meio-dia o  
jacaré mira como que hipnotizado o  
*shopping center* eternizado

— a arquibancada ensolarada assis-  
te às evoluções dos quero-queros no  
campo de terra batida



du jour



22 22

— o sol não ilumina mais o balneário  
salvo um prédio afastado que parece  
ter voado para longe como uma folha  
branca

— os cocos verdes deixados na calçada  
são levados embora pela enxurrada  
como bolhas enfurecidas

— o pinguim recém-chegado à costa  
nacional vem à tona e vê a estreita  
faixa de areia dos míopes

Esta obra foi composta em Bookman Old Style e  
Futura Hv Bt, publicado on-line pela  
Editora Iluminuras em 2023.

Sérgio Medeiros é  
poeta e artista visual.

2224



ISBN 978-6-555-19192-9  
9 786555 191929